

O crepusculo dos trotes

Ante esse primeiro centenario da criação dos cursos juridicos, data que não exprime apenas um facto de valor historico, mas, antes de tudo, uma éra de inicio da emancipação do espirito brasileiro, então jungido ás ordenações reinões, que ainda por longos annos, serviram de cartilha inviolavel ao ensino de nossas escolas de Direito, não é somente na vasta interpretação dos respectivos phenomenos, na complexa trama em que se objectivam ao olhar dos sociologos, que se poderá escrever algumas linhas em homenagem ao dia 11 de agosto.

Se no estudo da evolução juridica, operada na escola do Recife, muito terá que respigar aquelle que a tão alto se abalance, não é somente por esse lado que devem ser escriptas todas as paginas que vão concorrer para o presente volume da revista desta Faculdade.

Se o thema do velho Direito Natural, combatido por Tobias Barretto no memoravel concurso em que reformou pela base a nossa cultura juridica, é bastante rico em seus aspectos academicos, por constituir, elle só, um capitulo e mostrar a marcha do pensamento academico norteado pelo ousa-

do pensador sergipense, sem falar das demais escolas do Direito Criminal e Civil que recebiam os influxos da corrente nova, ha um aspecto que não póde ser descurado na vida academica, por valer como o proprio amago desse instituto de ensino superior.

O que então desejamos salientar aqui, como um eloquente traço do que tenha sido, atravez de sua historia, a nossa escola de Direito, é o celebrado *trote* com que os academicos se conhecem e se communicam nas expansões de sua alegria e de sua vitalidade. Se a um relance de vulgar observação dos moralistas parece que o *trote* traduz uma pequenez de sentimento dos que o exercem contra os companheiros noviços, antes indica não poderem os academicos dispensal-o como elemento de actuação na propria solidariedade escolar.

Mas elle tambem tem a sua historia, não se podendo entanto dizer que tenha a sua evolução. Elle nos vem desde a época justineanea, conforme nos ensinam as leis do grande povo dos consules e tribunos. Dominou nas principaes escolas da Europa, como a de Bolonha, de Paris e de Coimbra, de onde irradiou para os institutos de ensino no Brasil. O que hontem, porém, ecoava nos corredores dos velhos edificios onde funcionou a Faculdade, já não é o mesmo que ecoa nos corredores do bello estabelecimento onde se installa a escola de hoje.

Por que então essa differença na vibração da mocidade, não sendo pelos collegas troteados os racemvindos com o mesmo tom de amarga e ás vezes contundente ironia, excluido embora o mais leve intuito de uma offensa pessoal?

Já explicava Justiniano a necessidade desse trato severo com que deviam os velhos estudantes acolher os novos, entendendo servir como um incentivo para os liames da solidariedade academica, prevenindo apenas não excedesse da polidez e urbanidade, sob pena de serem punidos os que porventura abuzassem do modo de recepcionar entre chulas, os recentemente ingressos no templo da sciencia em que se

proclamam as condições de equilibrio nas sociedades organisadas.

Em outros tempos que já vão longe, mas cujos representantes ahi estão a brilhar na cathedra de professores, Laurindo Leão, Netto Campello, Sophronio Portella, Gervasio Fioravanti, Virgínio Marques e outros, como Henrique Martins, competente secretario da escola, sempre ranzinza no exame dos documentos dos pretendentes á matricula, enquanto não bebe o copo de leite que lhe traz habitualmente o João Piloto, velho empregado do estabelecimento, o *trote* parecia verdadeiramente uma entidade academica, senão mesmo integrado no proprio destino dos frequentadores da augusta casa então aberta ao culto dos Teixeiras de Freitas e dos Paula Baptista.

Mas, se o movimento escolar nos dias presentes não pôde ter o mesmo encanto d'antanho, apagando-se o *trote* entre os academicos que já se deshabituarão ao rigorismo dos troteadores de nota e como se annunciando a marcha victoriosa de uma sociedade nova nos habitos e necessidades individuaes e collectivas, vae tambem perdendo o seu retumbante eco, para se transformar na sedição vozeria com que se distingue o *trote* actual, limitado apenas ao classico grito de «Olha o calouro burro».

E o calouro de hontem nem é mais tambem o calouro de hoje. Se aquelle, embora de vistas curtas, podia ouvir a mesma apostrophe com que se baptisam os de hoje, estes têm sempre uma differença capital dos primeiros, por se não ajuizarem da situação de inferioridade escolar em que se acham.

Por mais liberal e democratico que pareça esse movimento de communhão academica entre os estudantes dos varios cursos, facilitando-lhes assim uma promiscuidade no recinto da escola, sem o devido trato de homenagem dos *bichos* aos *veteranos*, o que sem valer uma humilhação para aquelles, apenas outorga a estes uma consideração que lhes cabe,

o mesmo não acontecia em velhos tempos em que o calouro, mesmo intelligente e estudioso, se compenetrava de seu estado de inferior cotação na classe e não se atrevia a medir aptidões e capacidade com os *veteranos*.

Em meu curso, aliás interrompido e annos após reiniciado, no qual tive por companheiros, entre outros, na primeira phase, Trajano Chacon, Gilberto Amado e José Maria Mac-Dowell, este notavel caudico no foro paraense e o segundo representante de Sergipe no Senado republicano e professor desta Faculdade, houve um estudante que se assignalou como o verdadeiro typo de trotista do seu tempo: foi Bernardo Porto.

Quem o não conheceu á frente dos calouros formados em alas de um batalhão, de palitots ás avessas e espadas de galhos de mamoeiro, a percorrer as ruas da capital com elle a commandal-os?

Já eram os ultimos arrancos de uma instituição lendaria em vias de seu desaparecimento ou ao menos de sua transformação actual, não mais como o velho *trote* cheio de verve a alegria estudantina. Qual então a causa ou causas desse arrefecimento da mocidade? Que effectivamente influiu sobre ella para deixar de haver a mesma vibração gracejante dos moços, gracejo que ás mais das vezes apenas serve para dar a cópia moral dos troteadores, como igualmente a copia moral dos troteados?

Não é a uma causa apenas que se deve attribuir essa decadencia em que se acha o *trote*, mas a um conjuncto de causas. E se não será destituido de alguma razão attribuir ao proprio scenario dos edificios da academia antiga o espirito de rebeldia que agitava os estudantes, parece que a propria sumptuosidade do edificio actual da escola, com a magnificencia architectonica que o distingue, transfórma os estudantes em espiritos serenamente satisfeitos na vida e no ambiente em que respiram, para não vibrarem e se esquecerem de si mesmos nesses impetos febricitantes que con-

stituem a característica na movimentação das instituições escolares.

Ademais, havia outr'ora a circumstancia de serem os estudantes somente estudantes e formarem as celebres *republicas* que traziam em polvoreza as ruas onde se installavam. Nessas residencias tumultuosas imperava como senhora absoluta a *muçama*, muitas vezes pernóstica, que se julgava a soberana no dominio dos jovens e futuros estadistas do paiz, muitos trazendo mesmo no bojo de maus alumnos a enyergadura de um Fausto Cardoso, apenas brilhante talento que era, e não promettia ser na sciencia de seu curso o futuro autor da concepção mecanica do Direito.

Todos esses motivos unidos á circumstancia dos institutos livres que se espalharam nos Estados e enfraqueceram a tradição de enthusiasmo e jovialidade da academia do Recife, justificam plenamente o estado actual do espirito da mocidade que anda a cursal-a, jovens que em regra antes parecem encanecidos na desillusão dos velhos que jovens estudantes mesmos.

E' que o materialismo da vida moderna matou o idealismo da vida academica e o que hoje se observa na Faculdade do Recife, sem mais um movimento dos tempos que se foram, é uma lamentavel demonstração de inercia estudantina, traduzindo o crepuseulo dos memoraveis *trotes* de outr'ora.

Mas, como a todo crepusculo ha de sempre corresponder uma aurora, porque os crepusculos passam e as auroras continuam a exprimir a grande esperanza não sómente do homem como das classes, vibra, felizmente, no seio da mocidade, a seiva bastante para se ter a devida confiança de que a vitalidade juvenil da academia ha de ser em breve affirmada como um honroso titulo e um testemunho de suas passadas tradições.

Para que abandonar o *trote*? Extinguil-o por um reclamo de cultura moral da actualidade, como para dizer que

elle desformozeia os sentimentos da juventude, quando deve esta ter para com todos o mesmo gráu de sympathia e respeito, é fazer uma grave injustiça a esse costume dos academicos do Velho Mundo, legado pela sociedade romana a essas academias de cujo centro coimbreense se transplantou para as escolas de nosso paiz.

Informa-nos o dr. Netto Campello, no seu livro sobre *Direito Romano*, que em cada anno lectivo, em Roma, os alumnos recebiam um titulo que os distinguia dos outros, ou quando estudavam as Institutas de Gaius, ou os trabalhos de Ulpiano, ou os livros de Papiniano, ou os que interpretavam os enignas da lei ou as contendias referentes ás constituições imperiaes. E os estudantes de Constantinopla e de Beryto eram alcunhados de nomes proprios, costume que passou á escola coimbran e dahi para o Brasil, chamando-se *novatos* os do 1.º anno, os do 3.º *pés de banco*, os do 4.º *candieiros*, havendo sido alterada entre nós a designação dos primeiro e quarto annistas para *calouros* e *quartaus* e a dos 2.º annistas com um epitheto que a decencia determina não seja escripta para não ferir ouvidos castos.

Ora, se nessa classificação está implicita a differença do conceito academico, jámais poderá deixar de ser o *trote* aos novatos ou calouros como um necessario elemento, senão antes o proprio indicio de saude espirital da classe.

Se os *quartaus* não se molestem em ser assim cognominados, nem os calouros ser acoimados de todos os epithetos mais deprimentes de irrationalidade, não se limite apenas a isso a classe academica e volte a cultivar o *trote* como se fazia em outros tempos, pois na flór das tradições escolares deve estar o sentimento immortal de gerações que nos honraram.

Então podemos crer que nesse crepusculo dos *troles* actuaes ainda é possivel que desabroche um dia o germen de outra mocidade feita para a alegria e expansões de uma indole capaz de lhe dar a perspectiva de uma academia que

vive e pensa, porque sabe zombar e rir na exuberancia juvenil dos que a frequentam.

Pois os *trotos* não morrem, como não morreram nunca, significando talvez esse crepusculo de hoje a almejada alvorada de um surto redivivo de amanhã. Esperemol-o.

Recife, 11 de Agosto de 1927.

João Barretto.